

**166 - A Piscicultura Familiar no Baixo São Francisco: Criação do Tambaqui**

Carlos Alberto da Silva

Pesquisador em Aqüicultura; Embrapa Tabuleiros Costeiros; Av. Beira mar, 3250 – Bairro Jardins. 49025-040 – Aracaju – SE, Brasil. cadal@cpatc.embrapa.br

A região do Baixo São Francisco abrange vários municípios ribeirinhos e estende-se desde Paulo Afonso-BA até a foz no Oceano Atlântico. A piscicultura familiar predomina na região, sendo o tambaqui *Collossoma macropomum* uma das espécies mais cultivadas, entretanto, é pequeno o conhecimento sobre o manejo da produção que é aplicado pelos produtores locais. O objetivo do estudo foi caracterizar o manejo da produção e a qualidade ambiental da criação do tambaqui em sistemas familiares. A metodologia consistiu na aplicação de uma matriz sistêmica em entrevistas semi-estruturadas pré-programadas abordando informações gerais das propriedades e do manejo. Foram avaliadas 13 propriedades familiares localizadas nos municípios de Coruripe e Penedo em Alagoas. As pisciculturas familiares visitadas apresentaram área alagada entre 0,12 e 2,84 ha, sendo 68,7 % com área menor que 1 ha. O número de viveiros por propriedade variou de 2 a 12, incluindo os berçários que muitas vezes foram utilizados como viveiro de engorda. A maioria das pisciculturas utilizou berçários (81,2 %) com mão-de-obra exclusivamente familiar durante todo o ciclo de produção (45 %) e o restante, contratou pessoal principalmente na transferência de peixes e despesca recebendo a grande maioria como pagamento o próprio pescado. A densidade de estocagem nos berçários foi na ordem de 100 a 200 alevinos m<sup>-2</sup> e foram transferidos a recria quando atingiram de 50 a 100 g. Na engorda, foram estocados de 0,5 a 4 peixes m<sup>-2</sup>, e a despesca com peixes de 1,0 Kg ocorreu no período de 10 meses nas menores densidades. Não foi declarado o uso de produtos químicos no processo produtivo. Quanto ao manejo da água e solo, 50 % não fertilizaram os viveiros, 37,5 % nunca realizaram calagem e 62 % utilizaram tela mosquiteiro como filtro na captação de água. 45 % dos produtores nunca receberam assistência técnica e a biometria não foi realizada em 35,0 % das propriedades, prejudicando o acompanhamento do crescimento e controle do arraçoamento. Estes dados apontam a falta de capacitação contínua dos piscicultores locais apesar da maioria dos produtores possuírem mais de 5 anos na atividade e 42,9 % acima de 10 anos. Foram registrados níveis de oxigênio dissolvido abaixo de 5 mg L<sup>-1</sup>, valores freqüentes na região pois em muitas propriedades a água foi reutilizada de um viveiro para outro. As concentrações de fósforo total das águas de abastecimento quanto dos viveiros de criação foram superiores aos limites estabelecidos pela resolução CONAMA 357/2005, para a água doce de Classe 2. Isto pode estar relacionado às culturas de cana-de-açúcar e arroz no entorno das propriedades que utilizam fertilizantes no preparo do solo. Os níveis de nitrogênio total ficaram abaixo dos limites recomendados pela resolução CONAMA 357/2005 e não foram observados estados de eutrofização da água nas propriedades visitadas. Valores elevados de transparência da água foram observados em viveiros recém povoados e os dados de turbidez da água mostraram-se dentro dos limites definidos pela legislação. Não foram encontrados valores elevados de condutividade elétrica da água, entretanto, a DQO apresentou níveis elevados que podem ser atribuídos ao uso de fertilizantes nas culturas da região. Dos entrevistados, 93,7 % dos piscicultores não realizaram análise de água e 87,5 % não possuem equipamentos para realizar essas análises. A água de abastecimento nem sempre apresentou melhor qualidade que a do ambiente de criação, sendo recomendável o monitoramento para realizar a captação no momento que apresente melhor qualidade e a troca de água dos viveiros nos horários mais críticos.

Palavras-chave: Manejo, Efluente, Qualidade da Água, *Collossoma macropomum*

Apoio: Piscicultores do Baixo São Francisco, MPA e CNPq